

# ANÁLISE DE UM CIRCUITO CURTO DE COMERCIALIZAÇÃO: A FEIRA LIVRE DE SELVÍRIA – MS<sup>1</sup>

## **Débora Pavani Silva**

Doutora em Agronomia.

Docente no Centro Universitário de Santa Fé do Sul, Unifunec, Santa Fé do Sul, São Paulo, Brasil.

E-mail [depavanisilva@gmail.com](mailto:depavanisilva@gmail.com)

ORCID:<https://orcid.org/0000-0001-9902-9898>

## **Beatriz Cerqueira Simões**

Mestranda em engenharia agrônômica pela Universidade Estadual Paulista, Unesp/Feis, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil.

E-mail:[b.simoes@unesp.br](mailto:b.simoes@unesp.br)

ORCID:<https://orcid.org/0009-0000-9358-7477>

## **Jhony Dantas Rodrigues da Silva**

Graduando em engenharia agrônômica pela Universidade Estadual Paulista, Unesp/Feis, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil.

E-mail:[jhony.dr.silva@unesp.br](mailto:jhony.dr.silva@unesp.br)

ORCID:<https://orcid.org/0009-0001-3307-0975>

## **Antonio Lázaro Sant'Ana**

Doutor. Docente na Universidade Estadual Paulista, Unesp/Feis, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil.

E-mail: [lazarosant@unesp.br](mailto:lazarosant@unesp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3287-7144>

## **Flaviana Cavalcanti da Silva**

Doutora em Agronomia. Docente na Universidade Estadual Paulista, Unesp/Feis, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil.

E-mail: [flaviana.cavalcanti@unesp.br](mailto:flaviana.cavalcanti@unesp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9403-7565>

1 O estudo trata de resultados do pós-doutorado de Silva (2024).

## Resumo

As feiras livres constituem um importante mecanismo de inserção de agricultores familiares no mercado. Este estudo analisa a reimplantação da Feira Livre de Selvíria, iniciativa que buscou integrar produtores de três assentamentos rurais do município em circuitos curtos de comercialização. O objetivo central foi diagnosticar a dinâmica da feira, identificando entraves e propor estratégias de superação por meio de planejamento estratégico. A metodologia combinou aplicação de questionários semiestruturados realizados como entrevistas com feirantes e análise SWOT para fundamentar o planejamento da atividade. Os resultados evidenciam que a feira representa um relevante canal de comercialização para a agricultura familiar local, destacando-se pela diversificação produtiva e avanços na transição agroecológica. Contudo, persistem desafios significativos como instabilidade logística com mudanças frequentes de local e dia, baixo fluxo de consumidores e volume insuficiente de vendas, desorganização coletiva dos feirantes e ausência de gestão financeira individual. O estudo sugere que tais limitações podem ser mitigadas mediante aprimoramento do planejamento estratégico e fortalecimento de uma rede sociotécnica envolvendo a extensão rural local para articular o poder público, agricultores e consumidores.

**Palavras-chave:** Planejamento estratégico; Desenvolvimento rural; Transição agroecológica; Rede sociotécnica; Agricultura familiar.

## Abstract

Open-air markets are an important mechanism for integrating family farmers into the market. This study analyzes the re-implementation of the Selvíria Open-Air Market, an initiative that sought to integrate producers from three rural settlements in the municipality into short marketing channels. The main objective was to diagnose the market's dynamics, identify obstacles, and propose strategies to overcome them through strategic planning. The methodology combined semi-structured questionnaires conducted with interviews with market vendors and a SWOT analysis to inform the activity's planning. The results demonstrate that the market represents a relevant marketing channel for local family farming, notable for its productive diversification and advances in the agroecological transition. However, significant challenges persist, such as logistical instability with frequent changes of location and date, low consumer flow and insufficient sales volume, collective disorganization among market vendors, and a lack of individual financial management. The study suggests that these limitations can be mitigated by improving strategic planning and strengthening a sociotechnical network involving local rural extension services to connect public authorities, farmers, and consumers.

**Keywords:** strategic planning; rural development; agroecological transition; sociotechnical network; family farming.

## 1. INTRODUÇÃO

O município de Selvíria, localizado na região leste do Mato Grosso do Sul, possui uma área de 3.259 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 6.555 habitantes (IBGE, 2020). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) de Selvíria em 2021 era de 0,682, considerado médio. No entanto, esse valor mascara uma forte desigualdade, pois é impulsionado pelo maior PIB per capita do estado (R\$ 362.080,40), enquanto cerca de um terço de sua população vive nas classes D ou E (SEBRAE, 2021). Essa disparidade revela que a riqueza municipal é altamente concentrada.

Em Selvíria há três Projetos de Assentamentos (PA): o Alecrim que ocupa área total de cerca de 1.530 hectares, onde foram assentadas 83 famílias, o Canoas com área total de aproximadamente 4.774ha e 183 famílias e o São Joaquim no qual foram instaladas 177 famílias, em uma área total de 3.514,3 hectares (LALUCE, 2013; INCRA, 2022).

Nestes assentamentos, foram constituídas três associações de agricultores: a Associação dos Produtores do Assentamento Alecrim, Associação de Produtores do Assentamento Canoas Um e Três e a Associação dos Produtores do Assentamento São Joaquim. São compostas por famílias assentadas, em que as principais atividades econômicas são a produção vegetal e a pecuária. Nos últimos anos, os produtores dessas associações vêm enfrentando desafios com relação à segurança alimentar de algumas famílias e em relação à manutenção da produção, afetando, conseqüentemente, a comercialização no município e região.

Foram instaladas em Três Lagoas (MS), município vizinho à Selvíria, duas grandes empresas de produção de celulose e papel. Ambas desenvolvem projetos com o propósito de amenizar os impactos socioambientais nos territórios em que atuam. Uma delas tem realizado ações que visam reduzir o número de pessoas em situação de pobreza, como o apoio à gestão, à produção e à comercialização das associações e das cooperativas de agricultores e outros segmentos sociais. Este trabalho era realizado por uma empresa de consultoria, sendo que a partir do final de 2021, em Selvíria, passou a ser executado em parceria com o Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade da Unesp de Ilha Solteira - Guatambu, com a implantação de sistemas agroflorestais (SAFs), por meio de mutirões no PA Canoas e atuação no manejo dos SAFs já implantados nos PAs São Joaquim e Alecrim, além de articulações com outros atores sociais para a inserção dos agricultores no mercado. Tais ações resultaram na replantagem da Feira Livre Municipal de Selvíria.

Este trabalho também visou consolidar uma rede sociotécnica, com a união entre as associações e demais atores do Território com interesse em contribuir com a agricultura

familiar e o desenvolvimento local, através da reimplantação da Feira Livre de Selvíria.

Diante do exposto, este artigo teve como objetivo realizar um diagnóstico da Feira Livre de Selvíria, constituída no intuito de contribuir com a consolidação da rede sociotécnica (MIOR, 2006), envolvendo as três associações de agricultores familiares de Selvíria, a sociedade civil e instituições públicas do município e região. Também visou identificar os potenciais e/ou possíveis entraves da Feira Livre de Selvíria, a fim de contribuir para o planejamento estratégico deste importante circuito curto de comercialização.

### **1.1 Agricultura familiar, circuitos curtos de comercialização e a abordagem das redes sociotécnicas**

A agricultura familiar favorece a diversificação das atividades produtivas agrícolas e não agrícolas, utiliza matérias-primas e recursos locais e empodera os atores sociais e institucionais (MIOR, 2006). Essas características podem ser potencializadas a partir do fomento aos circuitos curtos (RAMBO; POZZEBOM; DENTZ, 2019). Na literatura, a definição de circuitos curtos de comercialização (CCC) está relacionada com o número de intermediários presentes entre a produção e o consumo, admitindo-se no máximo um intermediário entre o produtor e o consumidor (CHAFOTTE; CHIFFOLEAU, 2007; MESSMER, 2015; DAROLT et al., 2016).

Dessa forma, quanto maior o número de intermediários (que os agricultores denominam “atravessadores”), mais longo é o circuito de comercialização e vice-versa. De modo geral, as cadeias mais longas tendem a desfavorecer os produtores, pois o valor agregado ao produto entre a produção e o consumidor final é distribuído entre os diversos agentes, provocando assim um aumento no preço do produto, ao mesmo tempo que diminui a parte retida pelos agricultores, especialmente se estes vendem o produto in natura (CENTENO, 2018).

Segundo Schneider e Ferrari (2015), as cadeias curtas apresentam diferentes dimensões: espacial, ao reduzir as distâncias que os alimentos percorrem entre a produção e o consumo; social, ao proporcionar o contato face a face entre produtores e consumidores, que resultam em confiança e integração na cadeia; e econômica, ao alavancar mercados locais para a produção.

As feiras livres são uma importante forma de inserção dos agricultores familiares no mercado, na medida que nesses espaços predomina a venda direta ao consumidor ou com apenas um grau de intermediação, e portanto, caracterizam-se como um circuito curto de comercialização de produtos da agricultura familiar (DAROLT; LAMINE; BRANDEMBURG, 2013), o que inclui também diversos tipos de artesanatos (SCHNEIDER; FERRARI, 2015).

As feiras livres constituem uma forma de comercialização agroalimentar muito importante para a população brasileira, pois permitem escoar a produção, garantem melhores preços aos agricultores e possibilitam a aproximação (sociabilidade) entre produtores e consumidores, além de facilitar o acesso aos alimentos que fazem parte de seus repertórios culturais e hábitos de consumo locais, uma vez que a produção é realizada pela agricultura familiar local (POZZEBOM; RAMBO; GAZOLLA, 2018).

Bittencourt e Caliarì (2021), ao analisarem as 116 Feiras Livres cadastradas no município de Goiânia/GO, constataram que os feirantes negociam preços, trocam informações com consumidores e trazem consigo conhecimentos, cultura e tradições próprias que os diferem dos outros canais de comercialização, e assim, empoderam-se, obtêm reconhecimento e garantem incremento na renda familiar, promovendo direta e indiretamente o desenvolvimento no meio rural.

Para analisar a complexidade desses arranjos, a abordagem das redes sociotécnicas constitui um aparato teórico-metodológico oportuno. Fundamentada na Teoria Ator-Rede (LATOUR, 1987; CALLON, 1991), essa perspectiva compreende que a realidade social é produzida por associações heterogêneas entre atores humanos (no caso do presente trabalho, agricultores, consumidores, gestores, técnicos, entre outros) e não-humanos (tecnologias, infraestruturas, normas, plantas, transporte, entre outros).

No contexto do desenvolvimento rural, Mior (2006) defende essa abordagem principalmente como um instrumento analítico-descritivo para analisar processos de mudança rural de forma não determinista, mapeando como atores humanos e não-humanos se associam de maneira específica em cada contexto local. Segundo Mior (2006), a noção de redes de desenvolvimento rural permite enfatizar a diversidade de processos de mudança rural com a intervenção de atores sociais e institucionais, integrando elementos locais e não-locais.

No contexto dos circuitos curtos, essa abordagem permite analisar como uma feira livre se configura a partir da interconexão e interdependência entre diversos elementos: os agricultores e seus conhecimentos, os alimentos e seus atributos de qualidade, a infraestrutura de transporte e o local de realização, as formas de pagamento, as ferramentas de comunicação, as políticas públicas, bem como a atuação de instituições de pesquisa, de extensão rural e de outras empresas que influenciam e são influenciadas pela dinâmica do circuito.

Ademais, Martins (2013) explora o potencial instrumental e propositivo de rede sociotécnica, concebendo-as como estruturas estratégicas para a gestão cooperativa. Em seu estudo do sistema de saúde brasileiro, o autor enfatiza que tais redes integram atores,

conhecimentos, tecnologias e instituições em arranjos orientados para a ação comunicativa e a construção de consensos. Nesta visão, a rede não é apenas um fenômeno a ser descrito, mas um arranjo a ser intencionalmente fortalecido ou desenhado para alcançar objetivos comuns, funcionando como um mecanismo de governança que reduz assimetrias de informação e poder e promove a coprodução de soluções.

Dessa forma, a noção de rede sociotécnica revela-se duplamente valiosa: tanto para interpretar os desafios dos circuitos curtos quanto para orientar ações concretas para o seu fortalecimento.

Segundo Abreu, Bellon e Torres (2018), no Brasil, o modelo agrícola convencional convive com o significativo aumento do número de experiências agrícolas inspiradas em princípios agroecológicos nas últimas décadas. Essas experiências são protagonizadas por agricultores(as) familiares, técnicos, acadêmicos, organizações sociais, estudantes e agentes da extensão rural que se organizam em redes ou núcleos de agroecologia, constituindo dispositivos de ação coletiva. Esses mesmos autores comentam que a atuação desses diferentes atores em uma rede sociotécnica se constitui em espaços políticos de resistência no qual se manifesta, entre outras reivindicações, a construção de um canal alternativo de comercialização de alimentos, visando a aproximação entre produtores e consumidores no próprio território.

Portanto, a formação de uma rede sociotécnica é um importante fator na construção e consolidação de canais de comercialização que beneficiam os agricultores familiares do território, entre estes, a feira livre. No município de Selvíria, a construção dessa rede visou apoiar a reimplantação da Feira Livre no município, com a participação da Prefeitura de Selvíria por meio de diversas secretarias (especialmente a Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Assuntos Fundiários-SEMAPP), as associações de agricultores dos três assentamentos rurais presentes no município, o Sebrae no âmbito de um programa denominado “Cidade Empreendedora”, a Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural - Agraer, a Câmara Municipal, a Associação Comercial e Industrial, a Suzano S/A por meio da empresa de consultoria Simbiose e a Unesp, por meio do Guatambu.

## **1.2 Planejamento estratégico**

O planejamento estratégico é muito utilizado no meio empresarial, mas também se tornou uma ferramenta significativa para o meio acadêmico. É uma ferramenta que auxilia na identificação e compreensão dos fatores internos e externos à organização de determinados contextos para as tomadas de decisões.

Na literatura, o planejamento estratégico é feito em diferentes etapas: diagnóstico estratégico; direcionamento estratégico; formulação das estratégias; implementação das estratégias; e avaliação e controle (OLIVEIRA, 2001; CARVALHO, 2002; FERNANDES, 2012). Uma ferramenta mundialmente utilizada para elaboração do planejamento estratégico das organizações é a matriz SWOT (também conhecida como FOFA, em português) que vem dos termos em inglês strengths, weaknesses, opportunities e threats (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), sendo apontada como uma ferramenta simples e eficiente para a análise de cadeias produtivas (FERREIRA et al., 2019) e em outras abordagens que exigem o diagnóstico de uma situação.

Em relação ao ambiente interno da organização, analisam-se as forças e as fraquezas, e sobre o ambiente externo, as oportunidades e ameaças. Segundo Namugenyi, Nimmagadda e Reiners (2019), estes fatores são definidos na análise SWOT da seguinte maneira:

- Pontos fortes são capacidades internas das organizações que são relevantes para atingirem seus objetivos e para que atendam aos seus clientes de forma eficiente.
- Fraquezas referem-se aos fatores internos ou restrições que podem impedir ou dificultar o desempenho de uma organização.
- Oportunidades são fatores ou características externas que podem favorecer ou facilitar o desempenho da organização, dos quais as empresas podem explorar suas vantagens.
- Ameaças tratam de fatores negativos externos à organização que podem dificultar ou atrasar os objetivos alcançáveis.

Segundo Fernandes (2012), a dedicação nas tarefas iniciais do planejamento estratégico, estabelecendo uma relação de fatores como forças, fraquezas, oportunidades e ameaças do empreendimento que se pretende estudar, é traduzida em maior nível de qualidade da matriz SWOT, determinando o sucesso do planejamento estratégico.

## **2. METODOLOGIA**

A presente pesquisa foi realizada no município de Selvíria, com enfoque na Feira Livre do município, que teve algumas edições realizadas no ano de 2022, e que foi retomada em março de 2023, com periodicidade semanal, inicialmente às sextas-feiras, das 18h às 23h. Após votação dos feirantes em agosto de 2023, a feira passou a ser realizada aos sábados das 8h às 14h.

Foram utilizados como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica, a análise de documentos e dados estatísticos, especialmente aqueles relativos ao município de Selvíria/MS, e o levantamentos de dados quantitativos e qualitativos referentes à Feira Livre de Selvíria.

Para o levantamento de dados referentes à Feira Livre, foi elaborado um questionário semiaberto, ou seja, composto de perguntas abertas e fechadas (GIL, 2008), aplicado na forma de entrevista aos feirantes. Após a aplicação dos questionários, os dados coletados foram tabulados, para compor, junto com os outros elementos, o resultado da pesquisa.

Este artigo adota a perspectiva das redes sociotécnicas como referencial analítico e propositivo para examinar a Feira Livre de Selvíria, investigando como a interação entre parte dos atores humanos e elementos não-humanos configura a dinâmica e os desafios desse circuito curto de comercialização.

Reconhecendo a complexidade inerente a estas redes, o estudo focou-se em mapear e analisar um recorte específico dos atores humanos e não-humanos constituintes, priorizando aqueles com interface mais direta na produção e organização da feira (como feirantes, infraestrutura e políticas públicas). É importante salientar que atores fundamentais da rede, como os consumidores, não foram investigados diretamente nesta fase da pesquisa, o que aponta uma limitação e uma agenda para estudos futuros.

Para operacionalizar essa análise e identificar fatores críticos, utilizou-se complementarmente a ferramenta de diagnóstico SWOT, que permitiu mapear forças, fraquezas, oportunidades e ameaças inerentes ao circuito curto de comercialização, a fim de contribuir para o planejamento estratégico de um canal de comercialização para os agricultores familiares de três associações de Selvíria.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Aspectos gerais da feira livre de Selvíria – MS**

O levantamento demonstrou que a Feira de Selvíria conta com 22 feirantes, sendo que 14 (63,6%) são agricultores, ou seja, são responsáveis pela produção da própria mercadoria (ou parte dela), sendo aqui denominados de feirantes agricultores (POZZEBOM; RAMBO; GAZOLLA, 2018; CRUZ et al., 2022). Dos 14 feirantes agricultores, oito moram em assentamentos rurais e seis em estabelecimentos situados em outras áreas do município. Assim como a Feira em Canindé (CE) - município brasileiro com maior número de

assentamentos, totalizando 39 projetos federais (OLIVEIRA et al., 2025), a Feira de Selvíria também se configura como um espaço híbrido, onde coexistem agricultores familiares e comerciantes, reforçando seu papel como geradora de renda para diferentes setores.

Bittencourt e Caliarí (2021), em pesquisa realizada nas 116 Feiras Livres de Goiânia/GO, constataram também a presença de feirantes que não são agricultores, os chamados feirantes comerciantes. Dessa forma, a Feira Livre de Selvíria pode ser considerada um espaço importante de geração de renda para outros setores do município, além do agrícola. Os feirantes de Selvíria que não são agricultores realizam a comercialização de artigos utilitários variados, produtos artesanais não alimentícios e produtos alimentícios para o consumo in loco, como espetos de carne, doces variados, caldo de cana e pastel.

Todos os 14 feirantes agricultores familiares possuem produção bastante diversificada em seus estabelecimentos; na maioria dos casos, esses correspondem a agroecossistemas em processo de transição agroecológica. Quase todos os agricultores entrevistados (somente um utiliza controle químico em seu lote) empregam estratégias de manejo de pragas e doenças baseadas nos princípios agroecológicos, como o uso de caldas orgânicas, armadilhas/iscas, plantas repelentes/atratantes e o uso de quebra vento.

A principal atividade refere-se à produção de hortaliças, sendo ofertadas em 11 barracas (50%), que apresenta grande importância econômica e alimentar para as famílias. A diversificação da produção de olerícolas está ligada à necessidade de consumo próprio e um rápido retorno de capital.

A produção de frutíferas, que também se mostrou bastante presente nos estabelecimentos agropecuários, está relacionada aos sistemas agroflorestais (SAF) implantados nos lotes, que tem como objetivo a associação de cultivos agrícolas e espécies florestais para a produção de próprio consumo e venda. As duas mais frequentemente encontradas são o limão (50% do total) e a laranja (35,7% do total). Além da presença de SAFs em alguns lotes, existem também produtoras(es) que possuem algumas espécies de frutíferas e/ou árvores nativas plantadas no estabelecimento. Dos 14 agricultores feirantes entrevistados, 12 cultivam alguma espécie de: plantas medicinais para pessoas e/ou animais, e/ou tem PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais), SAFs (Sistemas Agroflorestais), sementes crioulas e áreas com plantio de árvores nativas (Tabela 1).

Tabela 1 - Frequência (nº e %) de tipos de cultivo/sistemas presentes nos estabelecimentos dos agricultores Feirantes de Selvíria - MS

<b>Outros cultivos/sistemas</b>	<b>Nº de estabelecimentos</b>	<b>% dos estabelecimentos</b>
Hortaliças	11	78,6
Plantas medicinais para pessoas	9	64,2
Área com plantio de árvores nativas	5	35,7
PANC	4	28,6
Plantas medicinais para animais	3	21,4
SAF	2	14,3
Sementes crioulas	1	7,14

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Como pode ser observado na Tabela 1, as plantas medicinais também são encontradas nos estabelecimentos dos agricultores pesquisados (presentes em 64,2% do total de estabelecimentos), sendo grande a variedade de espécies utilizadas especialmente na preparação de chás, como erva-cidreira, hortelã, camomila, boldo, entre outras. Essas têm uma ampla tradição e história, sendo cultivadas por 75% dos agricultores. Como defendido por Radomski (2003), o emprego de plantas medicinais para o tratamento e a cura de doenças é uma prática tão antiga quanto a história do homem.

Em seguida, aparecem com maior frequência (41,7% do total de estabelecimentos) as áreas com plantio de árvores nativas, as PANCs em 33,3% dos estabelecimentos, plantas medicinais para animais em 25%, SAFs em 16,7% e utilização de sementes crioulas é realizada em 8,3% das áreas.

A diversificação observada nos estabelecimentos – como SAFs, PANCs, plantas medicinais e sementes crioulas – constitui o que Mior (2006) identificaria como elementos não-humanos fundamentais na configuração desta rede sociotécnica. Estes elementos não-humanos não são apenas cultivos/sistemas, mas atores que carregam valores e princípios (agroecológicos, de resistência, de saúde, entre outros) que influenciam as relações de produção e consumo na feira, diferenciando-a dos circuitos convencionais.

Todos os feirantes agricultores (14) consomem parte de sua própria produção, ou, produzem alimentos para o consumo próprio. Quando questionados o quanto gastariam no mês se fossem comprar os alimentos que produzem, as respostas variaram de R\$150,00 a R\$700,00, apresentando uma média de R\$407,14 por mês. Ainda que contando com

a própria produção de alimentos para consumo, 57% dos feirantes responderam que sentiram preocupação de que os alimentos acabassem antes de poderem comprar mais comida nos últimos três meses da aplicação do questionário, o que demonstra a situação de insegurança vividas pelas famílias de feirantes produtores. Esse cenário eleva a importância de iniciativas voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar pautadas nos princípios agroecológicos, em especial, os que tangem à segurança alimentar.

Além da renda obtida por meio da Feira Livre, os feirantes de Selvíria possuem outras fontes de renda, como salário ou aposentadoria de um dos membros da família, e, no caso dos feirantes agricultores, quatro (18%) também obtêm renda a partir da pecuária leiteira (Tabela 2). Como já destacado por Pozzebom, Rambo e Gazolla (2018), as feiras livres constituem-se em um circuito curto de comercialização muito relevante para os agricultores, pois estes conseguem vender a produção por melhores preços (em relação à venda nos mercados varejistas ou atravessadores), além de possibilitar a aproximação e até o diálogo entre agricultores e consumidores.

Para Godoy (2005), as feiras permitem que o feirante obtenha rendas monetárias, mesmo em situações de estoques reduzidos de produtos, custos elevados com transporte, ou em que não disponha de estruturas de marketing, ferramenta da qual dispõe as redes varejistas de grande porte.

Tabela 2 - Tipos de fonte de renda declarada pelos feirantes da Feira Livre de Selvíria-MS.

<b>Fonte de Renda</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Feira Livre	22	100
Renda fixa/Salário	11	50
Aposentadoria	7	31,8
Pecuária de Leite	4	18,2

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

A gama diversificada de produtos ofertados tem contribuído na configuração da dinamicidade da feira e das relações inerentes a esse canal de comercialização. Além de propiciar ao público uma vitrine da produção oriunda da agricultura familiar local e um espaço para consumo diverso, a Feira Livre de Selvíria é ainda um ponto de encontro, caracterizado, também, pela convergência de sujeitos e elementos que contribuem para estreitar e dinamizar as relações campo-cidade. Portanto, a Feira Livre de Selvíria, além de proporcionar grandes benefícios para os feirantes, principalmente para os agricultores familiares, tem potencial para proporcionar benefícios também para a população e economia local.

Apesar da gama diversificada de produtos agroecológicos ofertados, a metade dos feirantes considera apenas “regular” o resultado da comercialização realizada na Feira Livre, enquanto outros 45,5% avaliaram como boa ou muito boa as vendas realizadas (Tabela 3). No entanto, a feira ainda se mostra essencial para a composição da renda familiar, tal como demonstrado nessa pesquisa e destacado por Oliveira et al. (2025) e Ayres et al. (2022), que identificaram que a maioria dos feirantes depende da feira como principal ou única fonte de renda.

Tabela 3 - Avaliação dos Feirantes sobre a comercialização na Feira Livre de Selvíria – MS.

<b>Avaliação</b>	<b>Nº de feirantes</b>	<b>% de feirantes</b>
Ruim	1	4,5
Regular	11	50
Boa	8	36,4
Muito boa	2	9,1

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Os feirantes também foram questionados sobre os “pontos positivos” e os “pontos a serem melhorados” da Feira. Os resultados se encontram, respectivamente, nas Tabelas 5 e 6.

A oportunidade de comercialização apareceu como o ponto mais mencionado entre os feirantes (27,3%), conforme observa-se na Tabela 4. Os assentamentos rurais de Selvíria se encontram distantes do centro urbano (40 a 80 km) e além dos programas de compras institucionais, os agricultores não têm muitas alternativas para escoar suas produções, portanto, comercializar em um circuito curto é um importante fator gerador de renda para essas famílias. Este fator relaciona-se também com a disponibilização de transporte por parte da prefeitura do município; uma significativa parcela do público que comercializa na feira em questão não teria condições próprias para transportar os seus produtos, e diante disso, sua participação na feira seria inviável economicamente. Nota-se a importância do envolvimento do poder público local na articulação de estratégias para superar barreiras logísticas, de comercialização e de infraestrutura que impedem o acesso da população do campo a canais de venda direta, como as feiras livres, fundamentais para sua geração de renda.

Tabela 4 - Pontos positivos da Feira Livre de Selvíria-MS na visão dos feirantes entrevistados.

<b>Pontos positivos</b>	<b>Nº de feirantes</b>	<b>% de feirantes</b>
Oportunidade de comercialização	6	27,3
Organização	4	18,2
Horário	3	13,6
Praça de alimentação	3	13,6
Nenhum	3	13,6
Oportunidade de divulgação dos produtos	3	13,6
Transporte	2	9
Assistência do município	2	9
Espaços destinados para os feirantes	2	9
Acesso aos produtos frescos	2	9
Reunião familiar	1	4,5
Não pagar para comercializar	1	4,5
Música	1	4,5

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Quanto aos “fatores a serem melhorados” na Feira Livre de Selvíria, 41% consideram que é necessário “ter um local fixo” para a Feira e outros 22,7% mencionaram “local da Feira”, que também está relacionado com o fator mais citado (Tabela 5).

Tabela 5 - Pontos a serem melhorados sobre a Feira Livre de Selvíria – MS na visão dos feirantes entrevistados.

<b>Pontos a serem melhorados</b>	<b>Nº de feirantes</b>	<b>% de feirantes</b>
Ter um local fixo para a Feira	9	41
Organização	6	27,3
Horário	5	22,7
Local da feira	5	22,7
Ter um ponto (barraca) fixo	4	18,2
Ter um presidente responsável pela Feira	3	13,6
Fazer mais propaganda da Feira	3	13,6
Diminuir o som para negociar com fregueses	3	13,6
Obrigatoriedade de vir dias fixos	2	9
Ter mais movimento de fregueses	1	4,5
Nenhum	1	4,5

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Os fatores “organização” e “horário da Feira” estão relacionados e foram mencionados tanto nos pontos positivos quanto nos pontos a serem melhorados. Este embate se deu, majoritariamente, entre os feirantes assentados e os feirantes que são do centro urbano do município. Aqueles que preferiam a feira noturna (feirantes urbanos) diziam-se favoráveis ao horário da sexta à noite por combinar a feira com atrações musicais, o que poderia atrair um número maior de consumidores. Os feirantes assentados preferiam que a Feira fosse sábado, no período da manhã, pois seria um horário mais comum para feiras livres, e além disso, os produtos não murchariam se fossem colhidos no período da noite e comercializados pela manhã. Outro ponto defendido é que devido à distância dos assentamentos rurais do centro urbano, chegariam às três horas da madrugada em seus lares após a feira, o que prejudicaria os afazeres do dia seguinte, como a ordenha das vacas leiteiras, que precisa ser realizada nas primeiras horas da manhã.

### **3.2 Análise SWOT da feira livre de Selvíria – MS e o papel da rede sociotécnica**

A partir da análise dos dados coletados nas entrevistas e da observação participante das edições da Feira Livre de Selvíria, foi possível identificar os fatores exógenos (oportunidades e ameaças) e endógenos (pontos fortes e fracos) para compor a matriz SWOT (Quadro 1).

Ao analisar o Quadro 1, observa-se que as potencialidades da Feira Livre de Selvíria, intitulados pontos fortes, estão relacionados com a diversidade e tipo de produtos ofertados na Feira e o fato de ser um canal de comercialização importante para as famílias feirantes. Apesar das mercearias locais competirem no preço dos produtos, na Feira são ofertados uma maior variedade de produtos de origem agroecológica. Silva (2016) também identificou a diversificação de produtos como ponto forte ao elaborar a matriz SWOT de Feiras Livres de Santa Maria.

Quadro 1 - Matriz SOWT da Feira Livre de Selvíria – MS.

	<b>Ambiente interno</b>	<b>Ambiente Externo</b>
<b>Pontos Fortes</b>	<p><b>Fortalezas:</b></p> <p>Variedade de produtos;</p> <p>Praça de alimentação;</p> <p>Produtos agroecológicos;</p> <p>Fonte de renda para os feirantes;</p>	<p><b>Oportunidades:</b></p> <p>Transporte municipal gratuito;</p> <p>Gratuidade do ponto;</p> <p>Divulgação realizada pela Prefeitura;</p> <p>Disponibilidade de Wi-Fi gratuito;</p>
<b>Pontos Fracos</b>	<p><b>Fraquezas:</b></p> <p>Controle financeiro ausente ou empírico;</p> <p>Falta de organização dos feirantes;</p> <p>Falta de propaganda/divulgação dos próprios feirantes;</p> <p>Periodicidade dos feirantes;</p> <p>Diferenças de objetivos de feirantes agricultores e demais.</p>	<p><b>Ameaças:</b></p> <p>Concorrência;</p> <p>Alterações frequentes do local da Feira;</p> <p>Fluxo de consumidores e vendas insuficientes (sobra de produtos);</p> <p>Grande dependência da Prefeitura (transporte, wi-fi, divulgação).</p>

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Já no quadrante oportunidades, observa-se a disponibilidade de transporte dos assentamentos para a Feira, infraestrutura e nenhum custo para participar da feira. A distância dos assentamentos ao centro de Selvíria, onde a Feira é realizada, é de 40km do assentamento mais próximo (PA Alecrim) e 80km do mais distante (PA Canoas), em uma estrada de terra em condições precárias, especialmente após chuvas. Portanto, o transporte disponibilizado pela prefeitura e a gratuidade para comercializar são oportunidades geradas pelo poder público local que viabilizam a realização da Feira. Outro fator importante, também disponível pela Prefeitura, é o acesso dos fregueses ao Wi-Fi, o que facilita o pagamento via PIX ou cartão de débito ou crédito.

O transporte público gratuito é um fator crucial para a viabilidade da feira. A falta de veículos adequados e estradas em boas condições são gargalos logísticos, reforçando a necessidade de apoio público contínuo. O transporte municipal e o Wi-Fi gratuito exemplificam como atores não-humanos exercem agência na rede: eles tanto viabilizam a participação dos agricultores assentados quanto criam dependências que fragilizam a autonomia do canal de comercialização.

Em relação aos pontos fracos, pode-se identificar a falta de organização dos feirantes para articular e apresentar suas reivindicações; por parte da administração da feira, a dificuldade de manter um ponto fixo para cada barraca; também a falta de regularidade da participação de alguns feirantes, o que faz com que o número de barracas varie muito de uma edição a outra. Esses fatores podem desmotivar o público consumidor, já que a fidelização do cliente com o fornecedor é um ponto forte para que o público opte pela Feira Livre para fazer as compras (SILVA, 2016; BITTENCOURT; CALIARI, 2021). Uma possível solução a esses entraves, mencionada pelos feirantes entrevistados, seria a eleição de um “presidente” responsável pela feira, que possa estar à frente das tomadas de decisões. Na verdade, nas reuniões prévias à replantação da Feira, foi constituída uma Comissão com representantes dos vários segmentos presentes neste canal de comercialização, entretanto, ela nunca atuou efetivamente. Algumas decisões foram tomadas mediante consulta ou votação em assembleias, mas que por serem realizadas na cidade, tinham poucos participantes de feirantes assentados; enquanto outras decisões foram tomadas com base em votação no grupo de um aplicativo em que participam a maioria dos feirantes. O fato de ter diferenças de interesses entre o grupo de agricultores feirantes e os demais acaba se constituindo em uma fraqueza que dificulta a adoção de regras comuns.

As fragilidades organizacionais e de gestão financeira identificadas podem ser interpretadas como falta de intermediários estáveis (como regras claras ou lideranças reconhecidas) entre os atores da rede, que poderiam coordenar a ação coletiva, conforme observado por Martins (2013) em suas análises de arranjos cooperativos.

Outro fator identificado como ponto fraco foi a falta de controle financeiro das vendas. Os valores da renda retirada da Feira Livre de Selvíria pelos feirantes variaram de R\$80,00 a R\$350,00 por semana, apresentando uma renda média de R\$238,66. Porém, sete (31,8%) dos feirantes não souberam dizer a renda semanal que obtêm na Feira, o que indica a falta de uma gestão financeira por parte dos entrevistados. Tais aspectos denotam a relevância das ações de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) para além da esfera meramente produtiva, sobressaindo-se a necessidade de ações pautadas na gestão e organização produtiva, a fim de que as famílias agricultoras possam ampliar e/ou fortalecer suas estratégias produtivas e organizacionais, de modo coerente com o canal de comercialização aqui analisado.

Em relação às ameaças externas, identificou-se a concorrência das mercearias da cidade, a falta de um lugar fixo para realização da Feira e o pequeno fluxo de consumidores,

com conseqüente baixo valor de vendas. A Feira de Selvíria já foi realizada em três localidades diferentes pela cidade, sendo duas em ginásios de esportes e em uma praça onde fica a rodoviária. A falta de um lugar fixo dificulta a criação de laços entre os feirantes e os consumidores, sendo um dos fatores importantes em feiras livres, como anteriormente mencionado, e dificulta também a criação do costume da população em frequentar esses espaços, resultando na pouca movimentação mencionada pelos feirantes. Esse problema também foi observado em Canindé – CE (OLIVEIRA et al., 2025), onde a mudança de local proposta pela prefeitura, sem consulta aos feirantes, foi rejeitada por afastar a feira do centro e desmobilizar consumidores.

Outra ameaça é a forte dependência dos feirantes em relação à Prefeitura Municipal. Qualquer imprevisto ou dificuldade na gestão municipal pode levar à interrupção das atividades: a mudança do local da feira; a suspensão do transporte dos feirantes durante a transição entre contratos com a empresa responsável; ou a reforma do local da feira.

Ao analisar a matriz SWOT, nota-se que os agricultores familiares de Selvíria enfrentam diversos desafios na comercialização de seus produtos, como a falta de um local fixo para a feira, horários instáveis e longas distâncias entre suas propriedades e o ponto de venda. Essas dificuldades prejudicam a formação de vínculos com os clientes e a eficiência da produção. A consolidação da rede sociotécnica é fundamental para superar esses obstáculos, atuando em diferentes frentes. A atuação em rede, promovendo uma articulação entre feirantes, poder público e consumidores, já se mostrou promissora em experiências como a de Itajubá-MG (PEREIRA et al., 2023) e Jordânia-MG (AYRES et al., 2022), onde a organização coletiva foi apontada como caminho para o fortalecimento das feiras.

Em primeiro lugar, a rede poderia contribuir para o planejamento territorial e logístico, mapeando junto à prefeitura os melhores locais para a feira, considerando acesso, fluxo de pessoas e infraestrutura, e pressionando por uma localização permanente. Além disso, o estabelecimento de um cronograma fixo ajudaria, baseado em pesquisas de demanda, evitando mudanças frequentes de horário que desorganizam tanto os produtores quanto os consumidores. A rede também teria um papel importante na pressão política, funcionando como um espaço de diálogo com o poder público para apresentar demandas embasadas.

Outro aspecto essencial seria o fortalecimento do vínculo com os clientes. Por meio de estratégias de marketing e comunicação – como divulgação em redes sociais, rádio local e criação de uma identidade visual para a feira –, os agricultores poderiam aumentar a fidelização da clientela. A implementação de sistemas de vendas antecipadas, como grupos de

WhatsApp ou outros aplicativos, também permitiria que os consumidores encomendassem produtos com antecedência, reduzindo perdas e garantindo maior segurança nas vendas.

No tocante à produção agrícola, seria importante o acompanhamento técnico, auxiliando os agricultores a planejarem o plantio de acordo com a demanda da feira. A elaboração de um calendário agrícola ajustado em conjunto com as famílias, considerando melhores épocas de plantio, colheita, o clima local e a demanda da feira, é uma estratégia de planejamento para evitar desperdícios de recursos e mão de obra. Organizar cursos de capacitações práticas dentro dos moldes da agroecologia, como manejo integrado de pragas, elaboração de compostagens e biofertilizantes, reduziria os custos com insumos externos.

A rede poderia incentivar cultivos diversificados e de Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) para agregação de valor dos produtos ofertados da feira, além de oferecer cursos de capacitação em processamento de alimentos (como geleias e polpas) que agregariam valor aos produtos, aumentando a renda das famílias.

As propostas de fortalecimento aqui apresentadas alinham-se com a perspectiva instrumental do conceito de rede sociotécnica, ao buscarem estabilizar intencionalmente a rede sociotécnica através da criação de novos intermediários: um calendário agrícola compartilhado (atores documentais), grupos de WhatsApp (atores de comunicação) e mecanismos de governança (atores institucionais).

Diante do exposto, a consolidação de uma rede sociotécnica seria fundamental para fortalecer a Feira Livre de Selvíria como um canal de comercialização viável e sustentável para os agricultores familiares locais. No entanto, é essencial que empresas de celulose da região, que se beneficiam do território e da mão de obra local, bem como o poder público, responsável por políticas de desenvolvimento rural, assumam um papel ativo nessa rede. Isso poderia ocorrer por meio de parcerias para infraestrutura, financiamento de projetos ou de assistência técnica.

#### **4. CONCLUSÃO**

A Feira Livre de Selvíria se apresenta como um expressivo canal de comercialização para os agricultores familiares do município, materializando na prática, uma rede sociotécnica. Esta configuração evidencia-se pela diversificação produtiva baseada nos princípios da transição agroecológica, onde produtos, conhecimentos tradicionais e práticas sustentáveis atuam como elementos não-humanos cruciais que diferenciam e agregam valor ao circuito curto.

A aplicação da matriz SWOT como ferramenta de planejamento estratégico permitiu identificar alguns fatores relevantes para que a Feira Livre de Selvíria atinja seus objetivos e possa explorar melhor as vantagens externas disponíveis, visando seu fortalecimento. Apesar da gama diversificada de produtos ofertados na Feira, e desta constituir-se em uma fonte de renda importante para os feirantes agricultores, a Feira Livre de Selvíria ainda apresenta entraves que podem ser amenizados com um melhor planejamento estratégico, o que envolve também a necessidade de uma maior organização dos feirantes. Vale destacar o compromisso e o papel essencial desempenhado pelo poder público local na articulação de estratégias voltadas para a superação de fatores limitantes, o qual se apresenta como um fator determinante no sucesso da Feira, mas, ao mesmo tempo, a alta dependência da Prefeitura pode ser um fator de risco à continuidade desse importante circuito curto de comercialização.

O processo de consolidação da feira livre analisado não é meramente a criação de um ponto de venda, mas a formação e o fortalecimento de uma rede sociotécnica cooperativa. Dessa forma, a consolidação de uma rede sociotécnica em Selvíria não apenas resolveria problemas de comercialização, mas também fortaleceria a agricultura familiar, tornando a feira livre um espaço mais organizado, rentável e sustentável, beneficiando produtores e consumidores. Uma feira livre não é apenas um ponto de venda, mas um projeto coletivo que merece investimento e compromisso de todos os atores envolvidos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, L. S.; BELLON, S.; TORRES, T. Z. AGROECOLOGIA EM REDES SÓCIOTÉCNICAS: inovação social para um novo modelo de agricultura familiar? In: 56º CONGRESSO SOBER, 56., 2018, Campinas. Transformações recentes na Agropecuária Brasileira. Campinas: Sober, 2018. p. 1-12.

AYRES, E. C. B.; OLIVEIRA, V. V.; AYRES, V. F. A feira livre de Jordânia-MG: agricultores, produtos e transporte. RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, Almenara, v. 4, n. 1, p. 123-137, jan./abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.46636/recital.v4i1.203> Acesso em: 11 nov. 2025.

BITTENCOURT, B. D.; CALIARI, M. Feiras Livres de Goiânia – Goiás – Brasil: estudo sobre a participação de feirantes agricultores familiares. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 8, n. 57, p. 228-243, ago. 2021.

CALLON, M. Tecno-economic networks and irreversibility. In: LAW, J. (ed) A Sociology of Mosters: Essays on Power, Tecnology and Domination. Lon don: Routledge, 1991.

CARVALHO, A. B. Metodologia de planejamento estratégico aplicável a órgãos de apoio interno a uma empresa. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Empresarial). Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2002.

CENTENO, D. C. Características da Produção e da Comercialização dos Produtores de Orgânicos, e Comportamento dos Consumidores, no Território Noroeste Paulista. 2018. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Agronomia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Ilha Solteira, 2018.

CHAFFOTTE, L; CHIFFOLEAU, Y. Circuits courts et vente directe: définition, typologie et évaluation. Cahiers de l'Observatoire, n. 1-2, p. 1-8, 2007.

CRUZ, M. S. et al. Comprando qualidade. Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília, v. 60, n. spe, p. e245926, 2022.

DAROLT, M. R; LAMINE, C; BRANDENBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. Revista Agriculturas: Experiências em Agroecologia, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2013.

DAROLT, M. R; LAMINE, C; BRANDENBURG, A; ALENCAR, M. C. F; ABREU, L. S. Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. Ambiente & Sociedade, Campinas, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2016.

FERNANDES, D. R. Uma visão sobre a análise da Matriz SWOT para a Elaboração da Estratégia. Unopar Cient., Ciência Jurídica Empresarial, Londrina, v. 13, n. 2, p. 57-68, set. 2012.

FERREIRA, E. P; GRUBER, C.; MERINO, E. A. D.; MERINO, G.S.A.D.; VERGARA, L. G. L. Gestão estratégica em frigoríficos: aplicação da análise SWOT na etapa de armazenagem e expedição. Gestão & Produção, v. 26, 2019.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, W. I. As feiras-livres de Pelotas, RS: estudo sobre a dimensão socioeconômica de um sistema local de comercialização. 2005. 284 f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Assentamentos do Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reformaagraria/assentamentosgeral.pdf> Acesso em: 22 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatísticas. Cidades e Estados. Brasil em Síntese. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html> Acesso em: 30 jun. 2020.

LALUCE, C. R. H. Caracterização das atividades produtivas realizadas pelos agricultores familiares do Assentamento Alecrim, em Selvíria-MS. Ilha Solteira (SP), 2013. 135p. Dissertação (Agronomia – Sistemas de Produção). Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Universidade Estadual Paulista.

LATOUR, B. Science in Action. How to follow scientists and engineers through society. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press. 1987. Mc Michael (1994).

MARTINS, W. de J. Gestão estratégica das redes cooperativas de ciência, tecnologia e inovação em saúde: um modelo para o desenvolvimento socioeconômico e a sustentabilidade do SUS. 2013. 281 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2013.

MESSMER, J. G. Les circuits courts multi-acteurs: emergence d'organisations innovantes dans les filières courtes alimentaires. Paris: Rapport INRA-MaR/S, 2013. 69 p. v. 17, n. 1, p. 56-71, 2015.

MIOR, L. C. Desenvolvimento Rural: a contribuição da abordagem das redes sociais e sociotécnicas. In: SCHNEIDER, S. (Org.). A Diversidade da Agricultura Familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 268-293.

NAMUGENYI, C.; NIMMAGADDA, S. L; REINERS, T. Design of a SWOT Analysis Model and its Evaluation in Diverse Digital Business Ecosystem Contexts. Procedia Computer Science, [S.L.], v. 159, p. 1145-1154, 2019. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.procs.2019.09.283>

OLIVEIRA, D. P. R. Estratégia empresarial e vantagem competitiva: como estabelecer, implementar e avaliar. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, G. J. P.; SCHNEIDER, F.; ZULIANI, D. Q. Comercialização de circuito curto: um estudo sobre a feira livre da agricultura familiar em Canindé, Ceará. Revista Brasileira de Agroecologia, Brasília, v. 20, n. 1, p. 20-45, 2025.

DOI: <https://doi.org/10.33240/rba.v20i1.54101> Acesso em: 11 nov. 2025.

PEREIRA, V. G.; PEREIRA, M. S.; BRITO, T. P.; GOULART, A. N. V.; PEREIRA, S. B. Expressões econômicas da feira-livre: perfil e perspectiva dos feirantes. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 15, n. 35, p. 205-225, maio/ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.2023.15.35.205-225> Acesso em: 15 nov. 2025.

POZZEBON, L.; RAMBO, A. G.; GAZOLLA, M. As Cadeias Curtas das Feiras Coloniais e Agroecológicas Autoconsumo e Segurança Alimentar e Nutricional. Desenvolvimento em Questão, UNIJUÍ, 16, n. 42, jan./mar. 2018

RADOMSKI, M. I. PLANTAS MEDICINAIS: TRADIÇÃO E CIÊNCIA. In: Semana do Estudante Universitário, 1., 2003. Embrapa Florestas, 2003.

RAMBO, A. G.; POZZEBOM, L.; VON DENTZ, E. Circuitos Curtos de Comercialização e Novos Usos do Território: considerações sobre o PNAE e as feiras livres. Revista Grifos, Chapecó, n. 46, p. 9-26, mai. 2019.

SCHNEIDER, S.; FERRARI, D. L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar: o Processo de Relocalização da Produção Agroalimentar em Santa Catarina. Organizações Rurais & Agroindustriais, v. 17, n. 1, p. 56-71, 2015.

SEBRAE. Plano de Desenvolvimento Econômico-PDE Selvíria. Selvíria-MS: Sebrae, 2021. 16p. Disponível em: [https://cidadeempreendedora.ms.sebrae.com.br/wp-content/uploads/2021/12/relatorio\\_pde\\_selviria\\_sebrae\\_297x21cm\\_DIGITAL.pdf](https://cidadeempreendedora.ms.sebrae.com.br/wp-content/uploads/2021/12/relatorio_pde_selviria_sebrae_297x21cm_DIGITAL.pdf) Acesso em: 03 dez. 2022.

SILVA, A. Sustentabilidade em empreendimentos de Feiras Livres. 2016. 178f. Tese (Doutorado) - Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

SILVA, D. P. Circuitos Curtos de Comercialização e Agricultura Familiar: características e potencialidades da Feira Livre de Selvíria-MS. Ilha Solteira, 2024. 29p. (Relatório de Pós-doutorado). Universidade Estadual Paulista (Unesp). Ilha Solteira, 2024.

### **Contribuições no artigo**

Débora Pavani Silva declarou que participou das seguintes etapas: concepção do manuscrito, escrita do manuscrito, metodologia, curadoria dos dados, discussão dos resultados e análise dos dados. Beatriz Cerqueira Simões e Jhony Dantas Rodrigues da Silva declararam que participaram das seguintes etapas: concepção do

manuscrito, curadoria dos dados e discussão dos resultados. Antonio Lázaro Sant'Ana declarou que participou das seguintes etapas: concepção do manuscrito, das revisões do manuscrito e metodologia. Fláviana Cavalcanti da Silva declarou que participou das seguintes etapas: concepção do manuscrito e das revisões do manuscrito.

### **Fonte de financiamento da pesquisa, quando houver**

Os autores declararam que esta pesquisa recebeu financiamento da Fundação de Ensino, Pesquisa e Extensão de Ilha Solteira – FEPISA.